

Experiências musicais de jovens indígenas por meio das mídias

Mara Pereira da Silva

Universidade Federal do Tocantins

pereiracantora1@hotmail.com

Resumo: O uso das mídias no ensino e aprendizagem musical vem sendo discutido por diversos autores da área de Educação Musical. Neste artigo será apresentado um recorte de pesquisa concluída que teve como objetivo investigar os modos como jovens indígenas do Instituto Federal do Pará (IFPA) Campus Rural de Marabá (IFPA) constituem suas experiências musicais. O referencial teórico o qual denomino conceitos operativos da pesquisa foi desenvolvido na área de Educação Escolar Indígena. A metodologia utilizada consiste na abordagem autobiográfica (DELORY-MOMBERGER, 2012, 2008). A técnica de pesquisa incidiu na entrevista narrativa (SCHÜTZE, 2013, 2011; JOVCHELOVITCH E BAUER, 2002). Os resultados da pesquisa apontaram que os modos que os jovens adquirem suas experiências musicais acontecem em diversos espaços em que se inclui as mídias.

Palavras chave: Educação Musical; Mídias; Pesquisa Autobiográfica.

Introdução

Esta comunicação refere-se a um recorte de pesquisa concluída, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação Música em Contexto da Universidade de Brasília, que teve como objetivo geral investigar nas histórias de vida dos Jovens Indígenas, estudantes do Instituto Federal do Pará – Campus Rural de Marabá (IFPA- CRMB) que freqüentam o Curso Técnico em Agroecologia Integrado ao Ensino Médio dos Povos Indígenas do Sudeste Paraense, os modos como eles constituem suas experiências musicais. Os objetivos específicos foram averiguar como esses jovens se relacionam com a música no ambiente escolar; Como interpretam os sentidos da música para suas vidas. Essa turma é formada especificamente por indígenas e foi o grupo que me provocou algumas interrogações quanto a minha forma de atuar.

Os colaboradores foram sete, cujas idades variam entre 19 a 25 anos, que decidiram serem identificados nessa pesquisa pelos seguintes pseudônimos: Ararandewa, Trocará, Barreirinha, Parkatejê, e dois por Guajajara. Então para diferenciar, tomei a liberdade de

identificá-los por Guajajara I e Guajajara II. Um dos colaboradores preferiu ser identificado por seu próprio nome, André Atikum.

Os caminhos metodológicos empregados para alcançar os objetivos desta pesquisa, comungam do pensamento de Delory-Momberger (2012, 2008). Ao estabelecer aspectos teórico-metodológicos concernentes à biografia, a autora entende que a narrativa consiste em trazer o movimento da vida, contando como um ser tornou-se o que ele é. Assim, a partir do momento em que a pessoa narra a sua história para o pesquisador, podemos denominá-la como uma biografia.

A técnica de pesquisa incidiu na entrevista narrativa (SCHUTZE, 2013, 2011). A entrevista narrativa tem como premissa estimular o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social, no caso dessa pesquisa foi sobre experiências musicais. Os referenciais teóricos, o qual denomino conceitos operativos da pesquisa foram desenvolvidos na área da Educação Escolar Indígena (BERGAMASCHI, 2008; BONIM, 2008; BANIWA, 2006; BRAND, 2001; LDBEN, 1996; C.F, 1988, e outras legislações).

Ao fazer análises das entrevistas narrativas parti da ideia de (Schütze , 2013) que propõe um encadeamento de passos para esse tipo de análise. Procurei interpretar e compreender os modos que esses colaboradores constituem suas experiências musicais. Para facilitar o processo de ordenamento dos acontecimentos das narrativas individuais, dividi as entrevistas em três eixos narrativos: música na aldeia, música em outros espaços formativos e música no IFPA - CRMB. Destaco nesta comunicação parte das análises, do segundo eixo temático denominado: Música em outros espaços formativos, fazendo o recorte nas Narrativas de Experiências Musicais de jovens Indígenas (NEMJI) relacionadas com as mídias.

NEMJI e mídias

O sentimento de pertença dos colaboradores da pesquisa foi o mote do desencadeamento das narrativas. Para eles, é preciso ser de algum lugar, fazer parte de uma história. É preciso ter um tempo para que a experiência aconteça, pois a temporalidade é uma

dimensão constituinte da experiência humana (DELORY-MOMBERGER, 2012). E essa experiência humana é desencadeada dentro de um espaço onde se desenrola os acontecimentos da vida. E esses acontecimentos ganharam forças nas narrativas dos colaboradores em suas histórias de experiências musicais.

As NEMJI em outros espaços formativos demarcam que esses modos de se formar em música foram adquiridos pelas mídias como internet, rádio e televisão, e por outros ambientes como igreja e intercâmbios culturais. É importante perceber como as experiências musicais desses jovens foram se transformando ao longo do tempo. O que era exclusivo da cultura de um povo foi se resignificando a partir do contato com outros ambientes sociais, onde se inclui as mídias. Souza (2009) ao se referir ao processo de aprendizagem acredita que “ela é constituída de experiências que nós realizamos no mundo. Dessa maneira, a aprendizagem pode ser vista como um processo no qual – consciente ou inconscientemente – criamos sentidos e fazemos o mundo possível” (SOUZA, 2009, p.7). Para a autora é imprescindível que os educadores musicais compreendam as condições de produção de sentidos que as tecnologias eletrônicas promovem nas experiências pedagógicas-musicais dos alunos.

A pesquisa mostrou que, cada jovem indígena possui uma experiência musical única. Nas experiências advindas das mídias, todos têm uma história para contar. No caso dos colaboradores da pesquisa, é possível compreender como eles compreendem a cultura do outro. Eles entendem que é preciso conviver com o outro sem, no entanto, ter de se abdicar de seus costumes. Para eles as mídias são formas de estreitar as relações culturais. A contribuição das mídias na cultura já foi abordada pelas autoras Fialho e Araldi (2009) que mostram o quanto a televisão contribui para a formação de rappers e DJs na cultura hip hop. Fialho (2009) investigou as funções sociais e as experiências de formação e atuação musical que o programa televisivo Hip Hop Sul proporciona aos grupos de rap que dele participam.

Os colaboradores consideram as mídias como espaços informais propícios para o ensino e aprendizagem da música indígena e, principalmente, com a música do não índio oportunizando assim a troca de experiências entre si. Esse fato é visível na narrativa de Guajajara I: “Aí, depois quando eu comecei a estudar um tempo depois foi chegando a televisão, o rádio para a aldeia,

ai eu tive contato com a música do branco e ai fui crescendo ouvindo a música do branco”. O colaborador, explica que as experiências musicais desses jovens indígenas se constroem por meio das diferentes mídias como o rádio e a televisão. Ao falar “fui crescendo ouvindo a música do branco”, o colaborador discorre sobre a forma como estabelece um diálogo entre sua cultura tradicional e a música do não índio. Este diálogo remete a interculturalidade, promovendo a troca, apropriação e transmissão da música entre culturas.

O trabalho da Interculturalidade para Fleuri (2003, p.17), “trata-se na realidade de um novo ponto de vista, baseado no respeito a diferença, que se concretiza no reconhecimento da paridade de direitos”. Essa perspectiva a qual trata o autor está relacionada à igualdade de oportunidades e dignidade, respeitando as diferenças, de modo que não as anule. Respeito às diferenças remetem a uma educação para a autonomia em que o diálogo entre os diferentes é considerado.

A partir do relato de Ararandewa, podemos observar o desejo desses jovens pela busca de autonomia para construir seus projetos de vida em que alguns deles a música está incluída. O colaborador evidencia o desejo dos jovens em alcançar outras projeções por meio da música. Ao narrar que o objetivo é “estar se apresentando”, valendo-se da aprendizagem da música do não índio, evidencia o desejo de serem projetados nas diferentes mídias, como descreveu Ararandewa: “o grupo indígena BRÔ MCs, do povo Guarany, que utilizam o rap que é um estilo musical do não índio para divulgar a cultura e protestar”, usando a mídia como veículo como é o caso desse grupo.

Esse grupo do qual Ararandewa fala alcançou visibilidade em nível nacional. Isso pode ser verificado em sites como da UOL . Em revistas eletrônicas como a Signótica da Universidade Federal de Goiás– UFG e Polifonia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Outro espaço midiático de projeção de grande alcance são as postagens e visualizações no youtube. O clipe oficial legendado do grupo que pode ser visualizado nesse espaço midiático. O BRÔ MCs já se apresentou em programas da televisão brasileira como o programa da Xuxa, TV câmara. Além disso, há pesquisas realizadas sobre o grupo em trabalhos de dissertação na UnB. (MORAES, 2013)

O uso do rap pelo grupo indígena BRÔ MC's, para divulgar a cultura indígena e protestar contra as situações negativas que acontecem nas aldeias, foi pesquisado por Costa e Nolasco (2013). Segundo esses autores, o grupo de rap indígena BRÔ MC's surgiu da intenção de “transmitir a ideia de esperança para a população indígena, uma maneira de denunciarem as situações negativas que ocorrem nas aldeias (como assassinato, descaso), além disso, apresentar a cultura indígena para não indígenas” (COSTA; NOLASCO, 2013, p.02). Uma vez que o grupo, que alcançou alguns de seus objetivos se projetando nacionalmente por meio dos diferentes veículos de comunicação, esse fato nos leva que as performances musicais são meios que os projetam para o mundo da vida. E, as mídias tem grande influência nesse processo de busca de si, de nós, da felicidade, do conhecimento, do real, e a busca do sentido (JOSSO, 2004, p. 88). Os sentidos dados pelas experiências musicais vividas pelos colaboradores estão imbricados na relação deles com a mídia.

Na área de educação musical, a aprendizagem por meio das mídias vem sendo discutido por autores como: Bozzeto (2009), Relação entre música, celular e juventude; Ramos (2009), relação da criança com a TV; Souza e Torres (2009), Maneiras de ouvir músicas; Torres (2009), Memórias musicais de um grupo de professoras do ensino fundamental, e as suas articulações com as músicas veiculadas pela mídia. Para Souza (2009, p. 8), “transformações tecnológicas configuraram novas formas de aprender e ensinar música”. Isso remete às narrativas dos colaboradores da pesquisa que contam a respeito de suas aprendizagens musicais por meio dos recursos tecnológicos e diferentes mídias.

No caso de Guajajara II, o jovem atribue o início de seu contato com as mídias aos mais velhos de sua aldeia. Ele contou que: “E... depois que... eu fui crescendo mais, aí que eu comecei a perceber que não tinha só na aldeia, não só as músicas tradicionais, que tinha também as diferenciadas que é a música do branco, que... alguns mais, jovens, mais velho já, que tinham contato com ela e levavam pra dentro da aldeia. Aí, foi os primeiros contatos que tive com tipos de músicas diferentes. Só que ai... foi só... tendo mais contato, não só com um ritmo de música. O colaborador expressa em seu relato aquilo que Josso (2006) chama de momentos charneiras. Conhecer a música do outro por meio da mídia, mas sendo trazido pelos mais “velhos” de sua

aldeia é considerar “os acontecimentos que separam, dividem, e articulam as etapas da vida” (JOSSO, 2006, p. 90). Esse jeito de “perceber que não tinha só a aldeia, não só as músicas tradicionais” foi o que levou Guajajara II a ter outros contatos. E, que desses contatos sua visão de mundo foi ampliada, principalmente no que se refere ao jeito de pensar a música.

Assim como Guajajara II, Parkatêjê deixa transparecer em sua narrativa pessoas charneiras que contribuíram para essa etapa de sua vida em se construir a partir daquilo que o outro ouve. Ele disse: “meu pai começou a estudar na cidade ai trouxe um radinho... a gente começou ouvir música do branco, mais era só aquele sertanejo”. O rádio trazido pelo pai foi a primeira mídia que introduziu Parkatêjê no mundo social do não índio. Isso é recorrente em outro relato. André Atikum contou o seguinte: “eu conheci a música [do não índio] através do rádio, né! No tempo do rádio ainda que... que, era no Tocantins, usava fita foi ai que eu conheci a música”. O colaborador ao falar que “usava fita” evidencia o costume da época que as pessoas usavam fita que denominavam de cassete para gravar as músicas que tocavam no rádio, pois assim poderiam ouvi-las novamente a hora que quisessem, bastando para isso terem um rádio que tivesse toca-fitas. Outro modo de aprendizagem musical citado por André Atikum é a internet. Segundo ele: “conheci a música bastante pela internet, né! É um lugar assim onde a gente busca muito, onde eu me aprimorei mais na música foi buscando vídeo na internet, até mesmo do meu povo mesmo assim já busquei vídeo na internet”.

O colaborador evidencia que a internet é uma rede de aprendizagens, lugar este que, segundo André Atikum aprimora o conhecimento. Os vídeos que foram talvez estudados, analisados e vistos várias vezes pelo colaborador podem ter contribuído para que ele usasse a palavra “aprimorar”. Sob o ponto de vista epistemológico da área de educação musical (KRAEMER, 2000), é possível dizer que o conceito de experiência de formação em música deve passar pela relação do indivíduo com a música, sob os aspectos de apropriação e transmissão a uma lógica interna, pois, segundo Alheit (2011, p. 34), “somos nós que percorremos um processo de aprendizagem. Não existem substitutos para os processos de aprendizagem”. Portanto, a experiência exige autoformação.

Parkatejê apresenta o celular como um meio para adquirir aprendizagens com a música. Ele usa o celular para ouvir músicas do não índio e também do seu povo. Ele contou que o povo de sua aldeia tem um CD gravado, e ele passou essas músicas para o seu celular a fim de rememorar suas músicas culturais. A esse respeito ele contou que: “tem umas no celular e outras que a gente mesmo canta e vai lembrando, que quando eu escuto no meu celular, tem até no meu celular algumas músicas culturais tradicionais do nosso meio, que lembra muito, muita coisa da gente”.

As palavras de Parkatêjê remetem o quanto as mídias contribuem para o processo de aprendizagem musical e também na manutenção de lembranças de sua cultura. Por sua vez, o colaborador André Atikum revelou que o seu contato não se resume apenas em ouvir no rádio ou do celular, mas também na visita em espaços que realizam festas do não índio onde ele ouve e dança estilos musicais como o sertanejo e o melody. Ele disse: “o que eu mais curto, assim, quando eu danço vou pras festas é o sertanejo, também tem melody que eu sei dançar um pouco. O contato de André Atikum com outros mundos musicais pode possibilitar a ele uma dimensão mais ampliada para a aprendizagem e gosto musical. Os fragmentos dessas experiências musicais trazidas pelos colaboradores da pesquisa estruturaram suas histórias musicais em outros espaços formativos além de suas aldeias, como igrejas, meios midiáticos e festas.

Nas festas, Atikum disse que: “nunca tive aulas não, mas eu aprendi olhando os outros nas festas dançando”. O aprender olhando é típico das culturas tradicionais conhecido como aprendizagem oral. Portanto, os eventos realizados em diferentes espaços contribuem na aprendizagem musical. Isso remete aos eventos escolares que ocorrem por meio de apresentações em noites culturais; mostra de arte; jornadas, feiras, entre outros. A escola é um espaço educacional para a promoção da cultura e propício para a aprendizagem. Com a falta de escolas nas aldeias alguns desses jovens tiveram que se deslocar para as cidades para continuarem seus estudos como contou Parkatêjê: “depois que eu fui estudar na cidade com o passar do tempo que eu fui conhecendo outras músicas, outros ritmos”. Tomar a decisão de sair da aldeia e ir estudar na cidade possibilitou conhecer outros jovens, outras culturas e estilos musicais.

Ampliar o conhecimento musical também foi possível pelo fato de Parkatêjê e os demais colaboradores da pesquisa estarem inseridos em uma instituição de ensino, Instituto Federal do Pará – Campus Rural de Marabá, que possui professor licenciado em música atuando na disciplina Artes e em oficinas de música oferecidas no espaço escolar. A escola que antes era uma fomentadora de exclusão e preconceitos contra as classes minoritárias, passa a ser um espaço excepcional para a promoção do diálogo entre as diferentes culturas.

Considerações finais

No processo de análise das NEMJI, apresentadas pelos colaboradores da pesquisa, é destacado os momentos charneiras de suas Histórias de vida que acontecem na aldeia e em contato com outras culturas, em que as mídias colaboram.

A metodologia usada na pesquisa, a autobiografia, possibilitou que as informações trazidas pelos colaboradores fossem legitimadas por eles próprios, cabendo ao pesquisador compreender como eles dão sentidos aos acontecimentos narrados.

O rádio foi um dos meios de comunicação mais citado por esses jovens. Além do rádio, a internet e a televisão também foram colocadas. Ficou claro, a importância que dão ao uso das mídias para a apropriação musical.

Os sentimentos expressados pelos colaboradores remetem ao desejo de ter as rédeas da construção de sua trajetória de vida em que a música faz parte, principalmente, para se projetarem em diferentes espaços incluindo o uso das mídias como veículo de aprendizagem musical.

Referências

ALHEIT, P. Biografização como competência -chave na modernidade. Revista da FAEEBA– Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 20, n. 36, p. 31-41, jul./dez. 2011.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (org.). Povos Indígenas & educação. Porto alegre: Mediação, 2008. 160p. (serie projetos e práticas pedagógicas).

BONIN, Tatiana Iara. Educação Escolar Indígena e docência: princípios e normas na legislação em vigor. Povos Indígenas & educação. Maria Aparecida Bergamaschi (org.) Porto alegre: Mediação, 2008. 160p. (serie projetos e práticas pedagógicas).

BOZZETO, Adriana. Música na Palma da mão: ligações entre celular, música e juventude. Aprender e ensinar música no cotidiano. Jusamara Souza (Org.) – p. 59 – 74. Porto Alegre: Sulina, 2009.

BRAND, Antônio. Educação Escolar Indígena: o desafio da interculturalidade da equidade. Série estudos. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande. MS. N.12, P. 35-43, Jul/Dez 2001.

BRASIL. Lei de nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 20 de dezembro de 1996.

_____. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília: Casa Civil: Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988.

COSTA, Laura Cristhina Revoredo; NOLASCO, Edgar César. Da periferia e na fronteira: a constituição da identidade indígena a partir das letras musicais do grupo Brô MC's. Revista Interletras, volume 3, Edição número 17, p.1-9, abril/ setembro de 2013.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Revista Brasileira de Educação, Vol. 17, nº 51, set. – dez. de 2012.

_____. Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto. Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN. São Paulo: Paulus, 2008.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.) Educação Intercultural: Mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

JOSSO, M-C. Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destino sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si (Orgs.) SOUZA, E.C e ABRAHÃO, M.H.M.B. p. 21-40. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

_____. Experiências de vida e formação. Ed. Cortez: São Paulo, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. In: BAUER, M. W e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KRAEMER, Rudolf – dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico musical. Revista Em Pauta. V. 11, nº 16/17. P. 48- 71. Abril/ novembro, 2000.

MORAES, Kenide de Sousa. “O meu rap está apenas começando”: Juventude e Sustentabilidade Cultural na Reserva Indígena de Dourados-MS. Dissertação de Mestrado. Centro de Desenvolvimento Sustentável: UNB, 2013.

RAMOS. Aprender Música pela televisão. Aprender e ensinar música no cotidiano. Jusamara Souza (Org.) – p. 75 - 96. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa Biográfica e Entrevista narrativa. Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação: Teoria e Prática. Wivian Weller, Nicolle Pfaff(Organizadoras) 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Pesquisa Biográfica e Entrevista narrativa. Metodologias da pesquisa qualitativa em Educação. Wivian Weller, Nicolle Pfaff(Organizadoras) 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOUZA, Jusamara; TORRES, Maria Cecília de Araújo. Maneiras de ouvir música: uma questão para a educação musical com jovens. Revista Música na educação básica. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

_____. Aprender e ensinar música no cotidiano. Jusamara Souza (Org.) – Porto Alegre: Sulina, 2009.

TORRES, Maria Cecília de Araújo Rodrigues. Músicas do Cotidiano e memórias musicais: narrativas de si de professoras do ensino fundamental. Aprender e ensinar música no cotidiano. Jusamara Souza (Org.) – P. 237 – 258. Porto Alegre: Sulina, 2009.